

NOVA **escola**
A REVISTA DE QUEM EDUCA

Gestão Escolar

ESTUDOS E
PESQUISAS



25
anos
Fundação
Victor Civita

ESCOLAS RURAIS

Pesquisa inédita feita
nas cinco regiões do país
mostra as condições de
ensino e aprendizagem
na rede pública fora
dos centros urbanos



Estudo revela características do ensino no campo

Pesquisadores visitaram escolas rurais de 50 municípios de todas as regiões do país e revelam a realidade da Educação fora dos núcleos urbanos

CINTHIA RODRIGUES

A escolinha do campo sem muitos recursos pode parecer uma exceção para quem vive em centros urbanos. Não é. De acordo com o último Censo Escolar do Ministério da Educação (MEC), elas são 58% das instituições públicas de Ensino Fundamental do Brasil. Foi para melhor conhecer a realidade dessas unidades que a Confederação Nacional de Agricultura e Pecuária (CNA) encomendou ao Instituto Paulo Montenegro (IPM)/Ibope Inteligência uma pesquisa sobre o ensino rural.

Até o ano passado, a Prova Brasil e o Índice de Desenvolvimento Básico da

Educação (Ideb) excluía a zona rural. “Nosso debate mostrou que era a hora de um estudo nacional sobre o assunto”, afirma a presidente da CNA, senadora Kátia Abreu. No fim de 2009, o MEC resolveu aplicar a Prova Brasil pela primeira vez a 10 mil escolas rurais seriadas. A pesquisa voltou-se, então, às multisseriadas, que atendem 60% das crianças no campo. Uma avaliação semelhante à Prova Brasil foi levada a 50 escolas cujos alunos de diversas séries estudassem na mesma sala com um mesmo professor.

Para garantir que a mostra representasse todo o país, os municípios foram escolhidos em dois estados de cada região geográfica do país: Tocantins e Pará, no

Norte; Bahia e Pernambuco, no Nordeste; Distrito Federal e Mato Grosso do Sul, no Centro-Oeste; Minas Gerais e Rio de Janeiro, no Sudeste; e Paraná e Rio Grande do Sul, no Sul. Também foram aplicados questionários para diretores ou responsáveis pela gestão, professores e estudantes. Em quatro cidades, realizaram-se entrevistas com grupos de pais.

Os resultados estão apresentados nas páginas seguintes, em reportagens sobre as condições de ensino, a infraestrutura e o perfil dos professores e dos alunos. E, na última página, uma entrevista com a educadora Cybele Amado, presidente do Instituto Chapada, sobre os desafios pedagógicos das escolas do campo. ■

Pesquisa inédita em dez estados

Levantamento mostrou as condições em que professoras como Celina Francisca Pereira de Araújo, de Santana de Pirapama, em Minas Gerais, ensinam as crianças na zona rural



PEDRO MOTA

Recursos materiais ainda preocupam

Escolas rurais têm salas de aula adequadas, mas faltam banheiros, cozinha e muitos outros equipamentos complementares à velha dupla giz e lousa

AGNES AUGUSTO

As salas de aula improvisadas na fazenda são, cada vez mais, coisa do passado no cenário da Educação no campo. Segundo a pesquisa CNA/IPM/Ibope, 92% das instituições têm sede própria, a maioria com salas bem iluminadas (84%) e arejadas (90%). Isso influi positivamente nas condições de ensino e aprendizagem, uma vez que os alunos que estudavam em salas com uma boa luminosidade tiveram uma pontuação melhor do que a média (169, contra 154 em Língua Portuguesa, e 160, contra 157 em Matemática). A pesquisadora Cecília Maria Ghedini, da Universidade Estadual do Oeste do

Paraná, ressalta que esta foi uma das lutas de muitos anos das escolas rurais: ter boas instalações arejadas, com luz e espaços para todas as atividades necessárias.

Contudo, os avanços em infraestrutura param por aí. Entre as escolas pesquisadas, apenas 36% das cozinhas aparecem como adequadas (as outras são 38% regulares, 20% inadequadas e 2% inexistentes). Os banheiros surgem em situação parecida: 32% adequados, 40% regulares, 22% inadequados e 6% inexistentes. Encanamento e esgoto são itens que também deixam a desejar: no primeiro caso, 34% estão classificados entre inadequados ou inexistentes, e no segundo, 58% são inadequados ou inexistentes. ➤

Frutos de uma boa gestão de recursos

Em Bonito, na Bahia, a Secretaria de Educação avança na melhoria de escolas rurais, como a EM Manoel Messias, que tem uma biblioteca com 2,9 mil livros e sala de leitura



MÁRCIO LIMA

Infraestrutura

► Também são poucas as escolas rurais que contam com uma biblioteca – menos de um terço. Uma situação que poderia ser enfrentada com soluções simples, na opinião de Cecília. Ela aponta uma experiência muito interessante adotada em algumas escolas do campo: o chamado “baú da leitura”, uma caixa cheia de livros que viaja no transporte escolar juntamente com as crianças de uma escola para outra, levando e trazendo livros variados, ampliando as possibilidades e a qualidade da leitura sem depender de um espaço físico construído especificamente para isso.

Quando se trata da carência de equipamentos, os dados são ainda mais gri-

tantes (veja o quadro na página ao lado). Fora a lousa e o giz, encontrados em todas as escolas, e o mimeógrafo – um recurso ainda usado por 76% dos professores rurais –, pouco mais se vê. “Se quisermos transformar a realidade nas salas de aula do campo, a presença de equipamentos, principalmente os tecnológicos, é de suma importância”, afirma Carlos Eduardo Sanches, presidente da União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime).

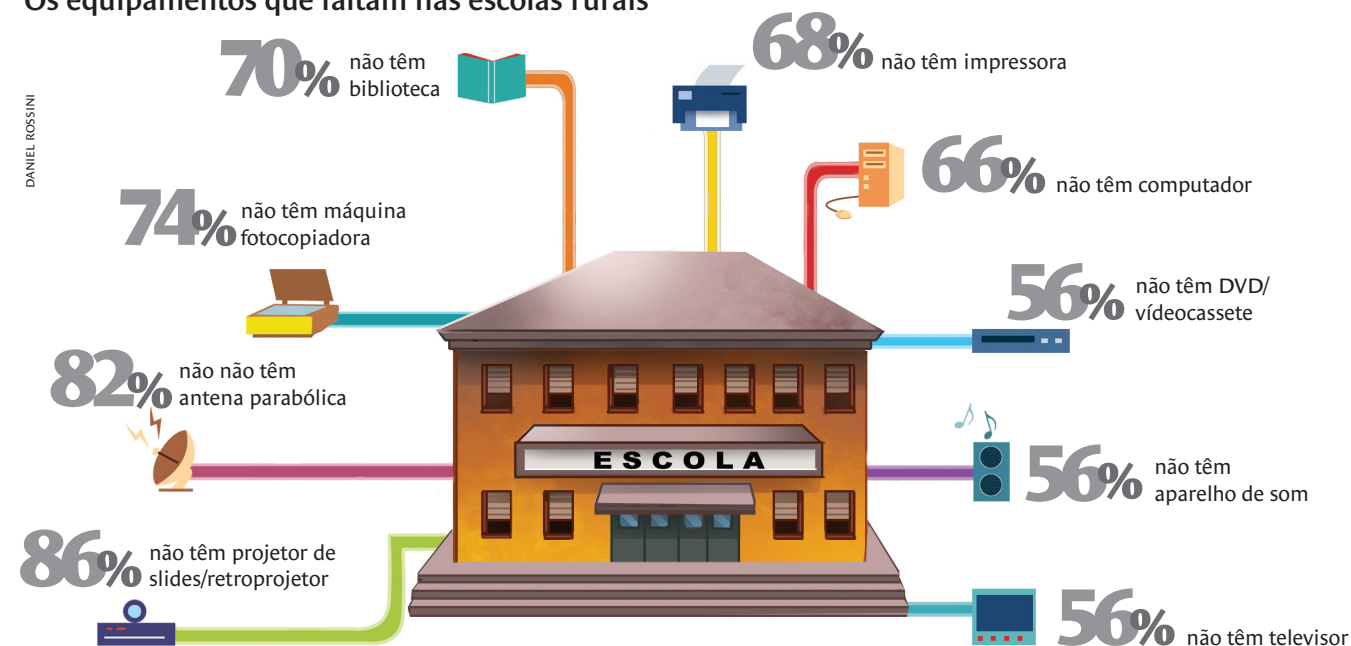
TECNOLOGIA QUE FAZ FALTA

A aproximação dos jovens com a informática é um item que as famílias reivindicam, conforme mostram os resultados

das entrevistas feitas com os familiares na parte qualitativa do levantamento do CNA/IPM/Ibope. Para os pais dos alunos, o computador representa um ícone da tecnologia e é um passaporte importante para que os filhos melhorem de vida e ingressem no mercado de trabalho.

“Ainda é comum acreditar que, para o povo que vive no campo, qualquer coisa basta”, diz Cecília Ghedini. Esse pensamento, segundo ela, influencia as políticas públicas: “O campo tem uma tradição histórica de pouco acesso e é concebido como um lugar em que o moderno está ausente. Superar esse aspecto por meio de recursos materiais – como prédios com esgoto, luz elétrica, banheiros, cozi-

Principais carências Os equipamentos que faltam nas escolas rurais



na, internet, biblioteca e computadores – significa romper com uma lógica enraizada historicamente.” Carlos Eduardo Santos entende que, se não houver a definição de um padrão mínimo de insumos (estrutura física, pessoal e materiais pedagógicos), não é possível reverter esse quadro nas escolas brasileiras, principalmente nas localizadas em áreas rurais.

AVANÇOS SIGNIFICATIVOS

Ainda assim, alguns municípios conseguem vencer os obstáculos e colocar nas salas de aula do campo mais recursos, como ocorre na EM Manoel Messias, em Bonito, a 460 quilômetros de Salvador. A escola nasceu em 1988 e, inicialmente, atendia 28 crianças de 1ª a 4ª série. Hoje, tem 942 alunos na Educação Básica. A biblioteca dispõe de 2.960 livros e três bibliotecários, responsáveis por atender alunos e pessoas da comunidade. O laboratório de informática é amplo, tem ar-

condicionado e conta com dez computadores com acesso à internet. A formação continuada dos professores, o Plano de Apoio Pedagógico e a realização de conselhos de classe preventivos são os principais fatores que garantem a qualidade do ensino e da aprendizagem na escola.

A cidade gerencia um fundo próprio e não conta com parcerias para os investimentos em Educação. Com relação à infraestrutura das escolas, houve melhoria nas salas de aula e nas cantinas e, atualmente, 80% das unidades rurais do município de Bonito possuem salas de informática (30% delas com acesso à internet, uma parceria com o Governo Federal por meio do ProInfo). “Não dá para fazer tudo de uma vez.

Mas, com uma boa gestão dos recursos, é possível avançar pouco a pouco na melhoria das condições das escolas rurais”, afirma Selma Teles Góis, secretária de Educação de Bonito. Outro município

que está levando recursos às escolas rurais é Duas Barras, a 175 quilômetros do Rio de Janeiro. “Realizamos muitas ações com orçamento próprio e estabelecemos parcerias com empresas da região e outras secretarias”, conta Ailton José Taboas, secretário de Educação do município.

Os resultados desse trabalho com a comunidade estão presentes, por exemplo, na EM Alfredo Luterbach Vidal, que começou a receber um investimento mais intenso no ano passado. Ela está instalada em um prédio próprio e atende 60 alunos em três salas de aula arejadas e iluminadas. Tem refeitório amplo e destaca-se por ter colocado em prática um programa de incentivo à leitura e à escrita chamado Casa do Livro e da Natureza. Idealizado e coordenado por um educador e empresário local, ele também se responsabiliza pela infraestrutura necessária (aparelhos de TV e som, espaço físico e acervo literário, entre outros). ■

Parcerias com a comunidade

Na EM Alfredo Luterbach Vidal, na zona rural de Duas Barras, no Rio de Janeiro, um empresário local ajudou a montar a sala de leitura com TV e livros, entre outros recursos





O desafio das salas multisseriadas

Professoras das escolas rurais ainda enfrentam dificuldades para trabalhar com crianças de diferentes idades e níveis de aprendizagem na mesma classe

CINTHIA RODRIGUES

A

distância entre a casa dos alunos e a escola e a baixa demanda por vagas sempre fizeram com que o ensino rural tivesse uma característica: geralmente, ele é feito em classes isoladas, em que estudam alunos que estão em diferentes séries com um mesmo professor. Mesmo assim, as políticas públicas pouco se preocupam em atender às necessidades específicas de quem enfrenta essa realidade. Resultado: as avaliações das escolas rurais deixam a desejar: elas obtiveram a média de 166 em Língua Portuguesa (10 pontos a menos do que a nacional) e 160 em Matemática (34 pontos abaixo do que o res-

tante do país) no simulado da Prova Brasil aplicado na pesquisa encomendada pela CNA ao IPM/Ibope.

De acordo com o estudo, 92% dos educadores apontaram ser um grande desafio ensinar diferentes conteúdos a grupos tão distintos e 52% afirmaram que a principal dificuldade é preparar uma aula em que todos possam participar. “O problema não é a multissérie, mas a falta de conhecimento para lidar com saberes diferenciados. O professor que recebe uma classe assim precisa de atendimento contínuo para aprender a lidar com as questões pedagógicas que envolvem grupos tão diversificados”, comenta Jacqueline Freire, professora de Educação e >

Interação entre alunos de vários níveis

Na EM Tomé de Souza, em General Carneiro, no interior do Paraná, algumas atividades são planejadas de maneira que os alunos mais velhos trabalhem com os mais novos

Aprendizagem

> Juventude no Campo da Universidade Federal do Pará (UFPA).

A rotina de Juliana Aparecida Tonial Gaiovicz ilustra bem os desafios da sala multisseriada. Ela é a única profissional na EM Tomé de Souza, na zona rural de General Carneiro, a 280 quilômetros de Curitiba e dá aula para 28 alunos – três do 1º ano, 16 do 2º, quatro do 3º e cinco do 5º ano –, prepara a merenda e faz a limpeza. Sempre que possível, parte de um tema que possa ser base para toda a turma: “Quando trabalho com jornais, o 1º ano recorta palavras, o 2º faz cópias, o 3º já lê e produz textos e o 5º ano interpreta e discute com os colegas as reportagens mais complexas. Em outros momentos, cada grupo tem atividades diferentes. Explico o que cada um deve fazer e dou atenção a todos. Eles sabem que, além de poder me chamar, contam com a ajuda dos colegas”.

A equipe da Secretaria faz uma visita mensal a Juliana. Toda semana, ela também vai à escola central participar de reuniões. As discussões geralmente são sobre o projeto político pedagógico (PPP), os livros que serão usados e as atividades propostas para a rede que a EM Tomé de Souza vai adaptar. “Os encontros de que mais gosto são aqueles em que estão os colegas de outras salas multisseriadas, que ocorrem a cada dois meses. Trocamos ideias, aprendemos e ensinamos muito uns aos outros”, diz.

POUCA INTERAÇÃO

Contudo, as trocas de experiência relatadas por Juliana são uma exceção. De acordo com a pesquisa, a equipe gestora – que seria responsável pela formação continuada – tem poucos momentos de discussão com os profissionais das escolas rurais. A elaboração do PPP, por exemplo – documento que deveria ser construído com professores, coordenadores e diretores –, é realizada de forma isolada: em 28% dos casos, ele é feito pela Secretaria de Educação e enviado às escolas, e 20% dos diretores disseram que

elaboram sozinhos a proposta. O restante não tem PPP ou não sabe como ele foi produzido e concluído.

A distância entre as unidades rurais e as secretarias de Educação é uma das causas desse isolamento. Metade das instituições não tem diretor. Os coordenadores pedagógicos e os gestores geralmente ficam nas secretarias de Educação e cuidam, ao mesmo tempo, de diversas unidades. E nem sempre existe um número de profissionais suficiente para dar atendimento adequado a todas.

APROXIMAÇÃO NECESSÁRIA

A secretaria de Educação de Parati, a 254 quilômetros do Rio de Janeiro, é um exemplo de como a distância pode ser superada. A diretora Janete Moreira de Lima Monteiro, responsável por 20 escolas rurais, organiza uma rotina em que todas as unidades sejam visitadas semanalmente por ela ou uma das oito coordenadoras pedagógicas da equipe. Às terças, quartas e quintas, cada um pega uma estrada de terra ou um barco e passa o dia com a professora, acompanha aulas, observa os alunos e ajuda no planejamento. Nas segundas e sextas, as experiências são compartilhadas entre os



Sem telefone nem internet

Isolada na zona rural de Parati, no Rio de Janeiro, a professora Edna Apolinário precisa do apoio da equipe gestora, que vem do centro urbano uma vez por semana

Entre as escolas pesquisadas, não há diretor em

50%

gestores para a discussão de propostas. Não é fácil. Para chegar ao saco do Manguá, por exemplo, onde fica a EM Domingos Gomes de Abreu, em que lecionam duas professoras, a viagem leva duas horas de barco ou meia hora de lancha. A terceira alternativa, pelo continente, inclui uma trilha de uma hora e meia até a estrada de terra. A visita da equipe gestora é essencial, já que a escola não tem telefone nem internet. “Toda semana aguardamos a visita de uma das coordenadoras. Ela observa os alunos que precisam de mais atenção e conversa conosco sobre as estratégias para traba-

lhar com eles”, diz Edna Apolinário, uma das professoras da unidade.

Segundo os especialistas, as dificuldades encontradas são o reflexo de um mesmo problema: a falta de uma política específica para as escolas rurais que leve em conta as realidades dessas instituições e das comunidades atendidas por elas. Marcia Regina Andrade, analista de Desenvolvimento Agrário na Fundação Instituto de Terras do Estado de São Paulo e doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), lembra que, em 2002, o Conselho Nacional de Educação criou as Diretrizes Ope-

racionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, mas que as secretarias estaduais e municipais ainda não se adaptaram a elas. A proposta chama a atenção para necessidades pontuais, como a presença de especialistas em ensino rural nas diversas redes, a elaboração de projetos didáticos e atividades específicas para classes multisseriadas e a recuperação da memória coletiva e das ferramentas e ciências da zona rural. “O campo tem cultura própria. Se a equipe não conhece a comunidade, tende a impor uma Educação urbanizada, que não terá sucesso”, afirma Marcia. ■

Aumenta tempo de formação dos docentes

A maioria dos professores rurais trabalha em apenas uma escola (82%), dá aula para turmas com média de 16 alunos e tem curso superior (66%)

BEATRIZ FUGULIN

Depois de colocar o jantar para o marido e a filha de 13 anos, Aliene Aparecida Rodrigues Pereira Araújo, 32 anos, dedica-se à última tarefa do dia: preparar o plano de aula de sua turma de 4º e 5º anos da EE Felisberto Fabiano dos Santos, onde também acumula a função de coordenadora pedagógica. A escola fica na zona rural do município de Santana de Pirapama, a 152 quilômetros de Belo Horizonte. Ela gasta cerca de uma hora nessa tarefa e vai dormir cedo, pois no dia seguinte tem de acordar por volta de 5h30, deixar pronto o café da manhã da família e ir até a prefeitura. De lá parte o trans-

porte que a leva à escola. Durante o trajeto de uma hora, a perua pega os alunos e a outra professora, Celina Francisco Pereira de Araújo, que leciona na mesma escola de Aliene para uma turma do 1º ao 3º ano. Todos chegam à Felisberto dos Santos por volta de 7 horas. Para as professoras, ainda dá tempo de fazer uma pequena reunião para discutir a rotina do dia e rodar os exercícios no mimeógrafo, pois a aula mesmo só começa às 8 horas. A turma de Aliene tem apenas 16 alunos (essa é a média das classes multisseriadas comandadas pelos professores rurais, segundo a pesquisa). Além de dar todas as disciplinas, ela se encarrega das aulas de Educação Física. “Procuro fazer

brincadeiras e jogos, como rodas, queimada e rouba bandeira”, descreve.

FORMAÇÃO SUPERIOR

A escola em que está há dois anos é distante de sua casa, mas não tanto quanto a anterior, na qual ela precisava dormir. “Só via a família nos fins de semana”, conta. Aliene está na carreira há 13 anos, quase como a maioria dos professores rurais, que tem mais de 15 anos de magistério (54%). O curso superior, feito em uma escola particular e na modalidade a distância, a colocou dentro dos 66% dos educadores das escolas do campo que têm graduação. A pesquisa da CNA/IPM/Ibope mostra que ainda existem 28% que concluíram apenas o Ensino Médio e 6% com menos do que isso. Está nos planos de Aliene fazer pós-graduação, como 36% dos pesquisados, por acreditar que isso vai se reverter na melhoria da qualidade

do seu trabalho. De fato, o estudo apontou que a nota média dos alunos de professores com pós-graduação aumenta quando comparada com a das turmas de docentes que não têm pós.

Aliene não é funcionária pública concursada, como 80% de seus colegas no campo. Por isso, raramente consegue participar dos cursos oferecidos pela rede. Recentemente, ela e Celina, a colega de escola, conseguiram fazer uma capacitação de 40 horas para incorporar a informática na rotina dos alunos: a Felisberto Fabiano contava com cinco computadores há mais de um ano, mas eles estavam sem uso porque as professoras não tinham conhecimentos de informática.

Quando a aula se encerra, às 12h20, Aliene volta para casa na mesma perua. A jornada continua em casa, pois ela leva na pasta tarefas que precisa colocar em dia como coordenadora. ■



FOTOS PEDRO MOTTA

Dos professores entrevistados,

48%

ganham entre 2 e 5 salários mínimos

Interação com alunos a caminho da escola

Aliene pega a mesma perua que os alunos para ir à unidade rural em Santana do Pirapama, em Minas Gerais. Lá, além de professora, ela também é coordenadora pedagógica

Perfil do aluno

Gosto pela escola e pelo estudo

Alunos do campo dizem estar estimulados a estudar e ler, mas o trabalho infantil ainda é realidade para 30% das crianças

BEATRIZ FUGULIN

FOTOS ANDREA DAMATO



Levantar cedo não é problema para Cristiele Silva Santos, 7 anos, e suas quatro irmãs – Geisiely, Jussara, Iara e Talita. As três mais velhas dormem em uma cama de casal, na casa de três cômodos em uma fazenda no distrito de Rochedinho, na zona rural de Campo Grande, onde os pais trabalham. Elas são acordadas pela mãe às 5h30, antes mesmo de o dia raiar. E é na maior alegria que se arrumam, tomam café e andam cerca de 30 minutos até uma estrada para pegar o ônibus que as leva, em mais meia hora, à EM Barão do Rio Branco. Como 44% dos estudantes que estão em áreas afastadas dos centros urbanos, as meninas dependem de transporte escolar para não faltar às aulas.

Cristiele e as irmãs adoram estudar, gostam de ler e recebem o maior incen-

tivo dos pais para fazer as lições de casa. “Deixar de ir à escola para trabalhar, nunca”, diz Santa da Costa Silva, mãe das meninas. “Mas no ano que vem Geisiely talvez tenha de fazer as duas coisas.” Isso porque a primogênita termina o Ensino Fundamental este ano e, para continuar os estudos, terá de se mudar para Campo Grande. “Aí talvez ela tenha de arrumar um emprego e ir à escola à noite.”

Jussara, 11 anos, que está no 6º ano, adora Arte e Educação Física e afirma não ter dificuldade em nenhuma disciplina. Ter gosto pelo estudo e apoio dos pais para ir à escola são algumas das características dos alunos de escolas rurais detectadas pela pesquisa:

- **81%** deles dizem se sentir bastante estimulados a estudar.
- **70%** gostam de todas as atividades propostas pelos professores.

- **80%** sempre fazem o dever de casa.
- **71%** têm preferência pelas aulas de Língua Portuguesa.
- **50%** gostam menos de Matemática do que das outras disciplinas.

EXPECTATIVA DOS PAIS

O sonho de os filhos chegarem à faculdade está presente no discurso de boa parte dos pais e dos alunos (56%). A maioria dos estudantes vem das classes D e E (58%), nasceu em famílias pouco escolarizadas (67% dos pais não completaram o Ensino Fundamental) e é estimulada a frequentar as aulas (95% dizem aos filhos que ir à escola é importante). O estudo concluiu também que, para a comunidade rural, a escola é considerada essencial por ser um lugar de socialização, permitir a interação social e dar a chance de melhorar de vida.

Longo caminho até a escola
Cristiele (na primeira foto, à direita) e a irmã Jussara tomam café, andam e pegam ônibus, num percurso de uma hora, para chegar à EM Rio Branco, onde estudam

os alunos de áreas rurais quando não estão na escola. Leitura mesmo, elas fazem somente em sala de aula, pois não têm muitas publicações em casa. A pesquisa mostrou que essa é uma condição de vida que mais influencia na aprendizagem:

38% têm de um a cinco livros em casa; 16%, de 11 a 20 e apenas 19% mais de 20 – a maioria, didáticos. Portanto, o contato com a literatura e o mundo da escrita está basicamente nas mãos da escola – mas a maioria não tem biblioteca. ■

Dos alunos entrevistados,

81%
gostam de estudar



LUNNE PARRACHO

“O campo precisa ser valorizado”

Cybele Amado de Oliveira afirma que é possível obter avanços na Educação rural quando se investe em formação de professores e troca de experiências

AGNES AUGUSTO

A frente do Instituto Chapada de Educação e Pesquisa, do qual é presidente, a pedagoga Cybele Amado de Oliveira ajudou a implantar uma experiência que está rendendo bons frutos nas redes públicas de ensino de 25 municípios da região da chapada Diamantina, no interior da Bahia, onde 80% das escolas estão na zona rural. Nessas cidades, o instituto iniciou a construção de um projeto coletivo em que o principal objetivo era fazer com que a Educação no campo não produzisse mais analfabetos e alfabetos funcionais: “A distância das notas dos alunos que estudavam na sede dos municípios com as dos que frequentavam unidades na zona rural revelava o pouco apoio que as instituições fora do centro urbano recebem”. Nesta entrevista, Cybele fala sobre os avanços nos municípios atendidos pelo Instituto Chapada e também sobre algumas medidas que podem ajudar a melhorar o ensino rural no país.

O que foi decisivo para mudar as condições de ensino e aprendizagem nos municípios que participam do projeto do Instituto Chapada?

CYBELE Historicamente, podemos afirmar que no Brasil nunca houve uma política de Educação voltada para a população que mora no meio rural. A ideia então foi centrar esforços na constituição de municípios educadores. Construimos junto com as secretarias de Educação locais uma rede colaborativa em favor da aprendizagem, que envolve a formação de professores, coordenadores pedagógicos e gestores. Em alguns municípios, inclusive, demos uma assessoria para que a secretaria se reestruturasse para melhor atender a todas as demandas das escolas – as rurais e as urbanas também. Instituímos horários de planejamento e estudo coletivo e análise e acompanhamento das

práticas pedagógicas – o que não existia para quem lecionava no campo. Criamos uma supervisão que privilegia a formação dos professores e o apoio pedagógico e mantemos fóruns de análise e avaliação dos planos de trabalho com o objetivo de garantir a continuidade e a permanência da qualidade da Educação pública. Com isso, conseguimos, em alguns anos, avanços significativos na garantia da alfabetização dos estudantes, o que se refletiu no aumento da nota dos alunos na Prova Brasil e no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb).

Na pesquisa da CNA/IPM/Ibope, os professores manifestaram a dificuldade que costumam ter para trabalhar com turmas multisseriadas. Como resolver essa questão?

CYBELE Para que o professor supere essas dificuldades, é necessário participar de formação continuada com apoio e ajuda para pensar a escola rural nas suas especificidades. Também é preciso que ele conte com materiais didáticos específicos e de qualidade. Se tiver formação adequada, o professor pode aproveitar a presença de alunos de várias séries a favor da aprendizagem, propiciando momentos de interação de estudantes com diferentes saberes e níveis de ensino, que podem trabalhar juntos em um esquema de co-operação. Temos bons exemplos na região da chapada Diamantina, onde algumas

escolas multisseriadas apresentam resultados positivos. Nelas, os professores organizam atividades de leitura e produção de textos de forma que os alunos colaborem uns com os outros.

Quais os principais pontos que precisariam ser levados em conta na elaboração de políticas públicas para as escolas do campo?

CYBELE O mais difícil é acabar com a ideia histórica e culturalmente contruída de que o rural é um lugar de “não-saberes”. São evidentes os preconceitos que existem em relação às pessoas que moram no campo – e também com as originárias da região Nordeste. Basta ver as frases usadas para se referir a essas populações, geralmente carregadas de negatividade e depreciação, o que dificulta a formação de condições igualitárias de oportunidades e acessibilidade. Então, antes de tudo, é preciso valorizar a vida no campo e dar oportunidade para que os moradores tenham acesso a bens sociais e culturais.

Como garantir as mesmas oportunidades se bibliotecas são uma raridade nas escolas do campo e os livros não são comuns na casa dos alunos?

CYBELE Esta é outra questão fundamental: a democratização da leitura e da escrita, pois ela envolve a qualidade e a quantidade de materiais e as condições institucionais e didáticas, como o acesso a livros,

revistas, periódicos e enciclopédias, entre outros materiais. Muitas vezes, é na escola rural que a comunidade encontra aberta a porta para o mundo. Essa atenção a rede precisa dispensar às unidades de ensino para provê-las com o material adequado e necessário.

A falta de bibliotecas não é o único problema. A infraestrutura das escolas rurais deixa a desejar. O que mais seria importante ter, além de sala de aula e de leitura?

CYBELE É preciso pensar em espaços de hospedagem confortáveis para os professores, pois muitos deles se deslocam para trabalhar na zona rural e praticamente mudam de moradia durante a semana. Mesmo os que moram na escola ou ao lado dela devem ter garantidas a participação nos espaços de formação continuada e condições salariais dignas.

Como fazer com que essas dificuldades não atrapalhem a condição de ensino e aprendizado?

CYBELE O que citei até agora são as condições mínimas que precisam ser garantidas nos programas e recursos para a Educação no campo. Portanto, não se trata de encontrar alternativas para suprir o que é direito dos nossos estudantes. As crianças que estudam na zona rural e suas famílias são sujeitos de direitos e precisam ser vistos e tratados como tal. ■



Fundador: VICTOR CIVITA (1907-1990)
 Presidente: Roberto Civita
 Diretora Executiva: Angela Dannemann
 Conselheiros: Roberto Civita, Giancarlo Francesco Civita, Victor Civita, Roberta Anamaria Civita, Maria Antonia Magalhães Civita, Claudio de Moura Castro, Jorge Gerdau Johannpeter, José Augusto Pinto Moreira, Marcos Magalhães e Mauro Calliari

Diretor de Redação: Gabriel Pillar Grossi
 Diretora de Arte: Manuela Novais
 Coordenadora Pedagógica: Regina Scarpa
 Editora: Paola Gentile
 Editora de arte: Renata Borges
 Designer: Alice Vasconcellos
 Gerente de Projetos: Mauro Morellato
 Analista de Planejamento e Controle Operacional: Kátia Gimenes

Processos Gráficos: Vitor Nogueira
 Colaboraram nesta edição: Iracy Paulina (edição) e Paulo Kaiser (revisão)

EDIÇÃO ESPECIAL
 “ESCOLAS RURAIS”

escola
Gestão Escolar

A edição especial “ESCOLAS RURAIS” é uma publicação da área de Estudos e Pesquisas da Fundação Victor Civita. (estudosepesquisas@fvc.org.br). NOVA ESCOLA GESTÃO ESCOLAR não admite publicidade redacional.

FOTO DA CAPA: GILVAN BARRETO